

Simpósio Temático 13

Laércio Teodoro da Silva

Universidade Federal do Ceará

Título da Comunicação: *No cinema paraibano não tinha beijo: super 8 e sexualidade na cinematografia paraibana*

RESUMO: “*Mas o cinema paraibano não tem beijo*”! Esse foi o comentário do sociólogo Gilberto Vasconcelos após assistir, em sessão promovida pelo cineasta Jomard Muniz de Britto, ao documentário *Os vinte anos do Cinema na Paraíba*, de Manfredo Caldas, que constrói um panorama sobre a produção cinematográfica paraibana. Este episódio revela um sentimento de incômodo em torno de uma parte da cinematografia paraibana. Não haver beijo no cinema (paraibano) revelava a idéia de que a sexualidade andava muito reprimida. Sentimento que acabou guiando jovens cineastas que se reuniram em torno de Jomard Muniz, a partir do final da década de 1970, a contestar essa máxima e a abordar temas ligados a sexualidade e às questões de gênero fazendo uso da bitola Super 8. A sexualidade não tinha sido aborda, em nenhuma de suas expressões, em filmes 16 ou 35 mm na Paraíba na década de 1960 e no decorrer da década de 1970. A presente comunicação, desenvolvida a partir do projeto de mestrado ligado ao PPGHis da Universidade Federal do Ceará, se debruçará nas relações entre o cinema super 8 e a tradição cinematográfica paraibana. Tradição que toma ao documentário *Arunda* (1960), de Linduarte Noronha, como memória fundante de uma forma de pensar e fazer cinema, bem como ao Cinema Novo em nível nacional. A análise também apreenderá o processo de produção desses filmes e as representações acerca dos papéis femininos, masculinos e transgêneros por meio das personagens presentes nessas narrativas fílmicas, seja exercendo a crítica social, num contexto de efervescência dos movimentos gays, lésbicos e feministas, seja com a crítica aos cinemanovistas, com sujeitos que parodiam personagens dos filmes do Cinema Novo, como o cangaceira(o) híbrida(o) do filme *Paraíba Masculina, Feminina, Neutra*, de Jomard Muniz, interpretada(o) por um transformista – direta alusão ao filme *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. As relações e embates entre as gerações se manifestavam nos filmes, nos debates universitários e colunas nos jornais do estado, gerando diversas leituras e guerras de representações acerca das temáticas e das próprias películas, enquanto Super 8, num processo de afirmação desta produção enquanto objeto cultural dentro do universo cinematográfico local. Os superoitistas forjaram uma nova postura diante do fazer cinematográfico na Paraíba, fomentaram novos olhares sobre a sexualidade e abriram caminhos para um surto de produção de filmes. O Super 8, enquanto suporte e atitude cinematográfica, e a sexualidade, enquanto tema, são pontos de polêmicas e agitações que fizeram parte de uma produção heterogênea que em comum tinham a bitola e o espaço de produção. O beijo, a sexualidade, os corpos, a mulher, a lésbica, o gay, são os dados novos de uma produção que revela divergências, perspectivas e concepções de Cinema e sociedade.